

22 DEZ 1992

Economia - Brasil

POLÍTICA ECONÔMICA

Empresários apóiam plano Haddad e sugerem reaquecimento como saída

por Márcia Raposo
de São Paulo

O plano Haddad, tal como foi explicitado no último final de semana, foi considerado ontem, durante a reunião executiva da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP), como um programa "de ótimas intenções".

A torcida agora, entre os empresários da indústria paulista, é que se passe do plano à prática. "Uma coisa é certa, o caminho é a volta do crescimento com a queda dos juros, senão a indústria não vai agüentar mais alguns meses de recessão", comentou ontem Roberto Nicolau Jeha, executivo da Papel São Roberto e primeiro secretário da FIESP, ao final da reunião. Segundo ele, o que os industriais não podem concordar é que o Estado (governo federal) tenha gasto 5,7% do

Produto Interno Bruto (PIB), no primeiro semestre, para pagar o serviço da dívida interna aos bancos.

"Com isso se prova que há dinheiro e, se há dinheiro, porque não colocá-lo na geração de empregos e produção para reduzir o imenso volume de miséria que se acumulou com a política neoliberalista equivocada neste País?", perguntou Jeha, defendendo as diretrizes do governo Itamar Franco.

Para Horácio Lafer Piva, executivo do grupo Klabin e diretor da FIESP, o cenário ainda continua "muito nebuloso", uma vez que a contenção atual das tarifas públicas diante do atual grau de sonervação do Fisco colocam o governo numa situação de caixa difícil e, enquanto isso, a indústria continua dispensando funcionários (ver



Roberto Nicolau Jeha

matéria na página 6), temendo que o ajuste a ser enfrentado não seja menor que o já feito até agora.

O movimento de vendas natalino está sendo interpretado como uma "bolha de consumo". "Nós não vemos o comércio se estocan-

do, ao contrário estamos vendendo mais exatamente o tanto a mais que está saindo do balcão do varejo, porque eles não deverão voltar a ter estoques próprios, que hoje é ônus da indústria", explicou José João A. Locoselli, da Gessy-Lever e representante do setor de produtos de higiene e limpeza. "Para nós, o ano de 92 foi ruim e nada indica, visto de hoje, que 93 vá ser muito melhor, sobretudo nos primeiros três meses", disse Locoselli. Ele descartou ontem a hipótese de um "plano de choque" no início do ano. "Tudo parece que vai caminhar no governo Itamar como já se mostrou até aqui e o que este governo precisa é fazer caixa com as privatizações, para reduzir o seu tamanho no mercado financeiro e deixar de impulsionar os juros", afirmou.